

## **“São José de baixo, São José de cima”:** imagens, narrativas e memórias de uma festa de santo <sup>1</sup>

Antonio George Lopes Paulino<sup>2</sup>

### **Resumo**

Esta pesquisa acompanha a dinâmica de transformação de uma festa popular católica situada em Bonsucesso, bairro da periferia de Fortaleza – CE. Os festejos dedicados a São José no ambiente citado passam por mudanças e tensões que acontecem há, pelo menos, três décadas, pondo em cena uma divisão socioespacial onde se observa instigante relação entre experiência religiosa e espaços de poder. Tal divisão configura-se, por um lado, pela força normativa do templo oficial dedicado a São José Operário, cuja edificação remonta aos anos 1980. Por outro lado, ergueu-se um processo de resistência popular e anticlerical em torno da Capelinha de São José ou Capelinha do Bonsucesso, espaço não resguardado e não recomendado pela igreja católica, mas que anualmente era frequentado por pagadores de promessa, devotos e praticantes de um lugar cujo mito de origem acumula, aproximadamente, mais de oitenta anos de história e remete à simbólica da água, traço marcante no arquétipo de São José. A referida capelinha foi demolida no ano 2013, a partir de desapropriação de imóvel conduzida pelo Governo do Estado do Ceará, o qual realiza obras numa área maior em que está abrangido o mencionado local. Apesar da demolição, o templo de São José Operário não passou a ser referência única na devoção ao santo em Bonsucesso e bairros adjacentes. A procissão que costumava dirigir-se ao cenário da capelinha continua a acontecer, ocorrendo a outro destino, a Capela de Santa Terezinha. A observação desse fenômeno é realizada pela via etnográfica, num percurso iniciado nos anos 1990. Atualmente o trabalho conflui para o registro e a sistematização de imagens, narrativas e memórias, contando com fotografias que constituem acervo a ser complementado com um documentário em processo de produção. Os resultados acumulados fundamentam

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no GT 24 – Imagens, Performance do Sagrado/Segredo, na V Reunião Equatorial de Antropologia (REA) e XIV Reunião de Antropólogos do Norte e Nordeste (ABANNE), realizadas entre os dias 19 e 22 de julho de 2015, no Centro Universitário Tiradentes – UNIT, Maceió – AL.

<sup>2</sup> Professor Adjunto III no Departamento de Ciências Sociais da Universidade Federal do Ceará – UFC, dedicado ao ensino e à pesquisa em Antropologia. Membro do Programa de Pós-Graduação em Sociologia – PPGS/UFC. Coordenador Adjunto do Laboratório de Antropologia e Imagem – LAI/UFC.

discussões que cruzam olhares nos campos da Antropologia da Religião, Antropologia da Política e Antropologia Urbana.

**Palavras-chave:** religião, poder, narrativa, memória, imagem.

## **Introdução**

Em participação no GT 11 – Festa, cidade e religião, durante o XI Congresso Luso-Afro-Brasileiro de Ciências Sociais, realizado em Salvador – BA, em 2011, ouvi atento à Lea Freitas Perez<sup>3</sup> – coordenadora do GT – tecer um comentário no qual enfatizava que “as festas de santo não acabam, transformam-se”. É a partir desta assertiva que desejo iniciar esta escrita.

Na penúltima realização dos festejos dedicados a São José em Bonsucesso, no ano 2014, um cenário diferente do observado nos anos anteriores se configurou. O espaço onde antes havia a antiga “capelinha do Bonsucesso” ou “capelinha de São José” estava pleno de entulho. Restos de casinhas demolidas cercavam um lugar sagrado, também transformado em resíduos de tijolos, cacos de telhas, restos de construção; lembranças ao chão.



Imagem 1: capelinha do Bonsucesso após demolição<sup>4</sup>

---

<sup>3</sup> Professora no Departamento de Sociologia da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG.

<sup>4</sup> Imagem registrada em 2013 por Emanuel Paulino, na companhia do autor deste artigo.

O fim de uma história? Certamente, não. Em atividade de campo realizada no dia 15/10/14, uma interlocutora de pesquisa informou, para minha surpresa, a seguinte novidade: católicos populares que costumavam frequentar a capelinha de São José, após sua demolição lançaram mão de outras estratégias para seguirem com a procissão que há muitas décadas têm como tradição consagrada; a procissão do “São José de baixo”.

Diante do ato normativo dirigido pelo vigário oficial da Igreja de São José Operário, o templo que nas palavras da interlocutora da pesquisa é evocado pela expressão “igreja do São José de cima”<sup>5</sup>, ao saberem que o referido templo estaria com suas portas trancadas, os antigos frequentadores da capelinha, que então se encontrava demolida, planejaram tocar sua procissão partindo para a Capela de Santa Teresinha, situada no mesmo bairro, onde seriam acolhidos por outro padre.

O vigário responsável pela Igreja de São José Operário, por sua vez, seguiu com seus fiéis em procissão dirigida à sede da Paróquia de São José, localizada em bairro vizinho, cumprindo as regras exigidas pelo vínculo paroquial, a despeito dos populares que ainda reclamam o pertencimento ao espaço sagrado onde se assentava a capelinha.

Na ocasião da atividade de campo supramencionada, tomei conhecimento de que há o desejo, por parte dessa interlocutora e de outros fiéis, de solicitar ao Governo do estado do Ceará que inclua no Projeto do Rio Maranguapinho<sup>6</sup> – em cuja margem direita havia a capelinha –, a construção de uma nova capela, a qual poderia ser complemento arquitetônico de uma possível praça, haja vista que a área do bairro a que me refiro não dispõe de um equipamento desta natureza. Essa fiel lamentava o ato da Secretaria das Cidades (ligada ao Governo do estado) que, como ente responsável pela demolição da capelinha, teria agido de modo arbitrário e autoritário, sem consultar a população acerca de seus sentimentos de pertença, de suas crenças e tradições. Tradições que, segundo relatos, jamais contaram com o apoio do padre responsável pela Igreja de São José Operário, onde a cada ano se celebram os ritos oficiais dedicados ao santo no bairro em foco.

---

<sup>5</sup> “São José de baixo” e “São José de cima” são denominações que por vezes são proferidas por fiéis que aludem à divisão socioespacial existente no bairro, no que concerne à devoção a São José. A capelinha de São José situava-se numa parte mais baixa, em termos topográficos, no bairro Bonsucesso. O templo de São José Operário localiza-se numa área mais elevada, no topo de um pequeno declive, no mesmo bairro.

<sup>6</sup> A demolição da capelinha do Bonsucesso ocorreu no ano 2013, no âmbito da intervenção governamental denominada projeto Promurb-Maranguapinho, mais conhecido como Projeto do Rio Maranguapinho, vinculado à Secretaria das Cidades. A desapropriação do imóvel foi realizada para fins de “interesse público”, através do Decreto Nº. 31.122, de 19/02/2013, publicado no Diário Oficial do Estado do Ceará em 21/02/2013.

Como se percebe pelos fatos descritos acima, a demolição da capelinha do Bonsucesso não pôs fim a uma divisão socioespacial que atravessa décadas de existência. Segue seu curso, com cenas transformadas e em processo de transformação, numa “luta pelo real”, em que diferentes instâncias mobilizam sua “política do significado” (GEERTZ, 1989: 206-222).

A pesquisa que desenvolvo entra agora em uma nova fase, de caráter conclusivo, através do projeto intitulado “Narrativas e memórias da capelinha do Bonsucesso: divisão socioespacial na procissão de São José”, trabalho que compartilho com pesquisadores<sup>7</sup> do Laboratório de Antropologia e Imagem – LAI/UFC, no esforço de sistematizarmos entrevistas e imagens a serem editadas em documentário etnográfico.

### **Percurso da pesquisa**

O projeto que comento na presente escrita insere-se na linha de pesquisa Antropologia da Religião, assinalando, todavia, interfaces significativas com a Antropologia Urbana e a Antropologia da Política.

A Antropologia Urbana interessa-se por processos e fenômenos culturais que podem ser observados como vias de acesso à compreensão da dinâmica das cidades contemporâneas, revelando a diversidade de formas de apropriação, experimentação e significação do espaço urbano. Interessa-se, sobretudo, pelos componentes simbólicos que são mobilizados e agenciados pelas populações que habitam as cidades, nos mais diversos segmentos da vida social.

No caso específico deste projeto, a Antropologia da Religião é perpassada pelas Antropologias Urbana e da Política, atentando para um processo em que se configuram situações de ocupação e modificação do espaço urbano, observadas no âmbito de uma divisão socioespacial que abrange elementos do catolicismo popular e do catolicismo normativo, evidenciando aspectos da relação entre religião e poder.

Em Fortaleza, no bairro Bonsucesso, ocorre um interessante fenômeno social. São José, padroeiro do Ceará, celebrado em diversas localidades do estado, é festejado também ali há, aproximadamente, mais de oitenta anos. Os festejos tiveram origem em

---

<sup>7</sup> Os seguintes estudantes do curso de Ciências Sociais da UFC ingressaram no projeto de pesquisa: Jean Souza dos Anjos (pesquisador bolsista de Iniciação Científica), Fabiana do Nascimento Pereira (pesquisadora voluntária) e Mario Luís Moreira Silva (pesquisador voluntário).

práticas do catolicismo popular, marcando a tradição de um espaço rústico conhecido como capelinha de São José.

Nos anos 1980, um templo oficial da igreja católica dedicado a São José Operário foi edificado no bairro. Desde então, no dia 19 de março duas procissões ocorriam em Bonsucesso, configurando uma divisão socioespacial. Duas imagens constituem o cenário: de um lado, a procissão dos antigos, legitimada pela força do catolicismo popular, mas não reconhecida pelas lideranças do templo oficial; de outro lado, a procissão de São José Operário, ordenada e resguardada conforme a liturgia oficial da igreja católica.

Através da observação etnográfica, busca-se compreender os elementos de tensão e conflito que permeiam essa divisão, atentando para o componente político que atravessa o fenômeno estudado nesta pesquisa e para as forças simbólicas que se manifestam em relatos, memórias e percepções plurais.

O estudo vem sendo realizado desde o início dos anos 1990, mas até recentemente de forma não institucionalizada, ou seja, sem vínculo formal com agência de financiamento e fomento à pesquisa. Os resultados já alcançados permitem pensar sobre os elementos simbólicos e práticos que, por décadas, permearam a divisão socioespacial do bairro durante a celebração simultânea de um culto para um mesmo santo, em espaços diferentes, porém geograficamente muito próximos. Fornecem, também, elementos para se compreender a força criativa e a resistência do catolicismo popular diante da normatividade dirigida através de decisões e mecanismos formais da igreja católica.

No âmbito dessa normatividade, processos de mudança emergem muitas vezes traçados sob a ideia de modernização, o que pode traduzir-se, também, em práticas de higienização social direcionadas ao controle da ordem em face do sagrado, protegendo e purificando o tempo e o espaço que se dedicam às coisas do espírito, no sentido de distanciá-las do perigo das coisas do mundo. Assim, forças religiosas oficiais atuam no âmbito de um movimento que tende à racionalização de determinadas práticas, como por exemplo, aquelas que se aplicam aos festejos populares de divindades católicas, no esforço de estabelecer fronteiras visíveis entre elementos do sagrado e do profano.

Vários pensadores das Ciências Sociais debruçaram-se sobre o fenômeno da racionalização e desencantamento de práticas mágicas e religiosas. Já no contexto da antropologia nascente, o evolucionista James Frazer apontava o que supunha como uma tendência inexorável: o desaparecimento de crenças pejorativamente consideradas

inferiores e grosseiras, que dariam lugar a sistemas religiosos elaborados em referências escritas focadas na racionalização da ordem ritual e litúrgica, bem como das condutas individuais frente a tais sistemas (FRAZER, 1982).

Ao discorrerem sobre o fenômeno religioso e a magia, Durkheim (2003) e Mauss (2003; 2005) também se ocupam em considerar processos de transformação que ocorrem no âmbito de tais sistemas de representações coletivas, observando tendências que apontariam para a modificação de crenças e práticas relacionadas ao sagrado, o que se confirmaria diante de uma crescente racionalização possibilitada pelo domínio da ciência e da técnica. Porém, tais pensadores não reproduziram o viés estigmatizante que contagiou o pensamento evolucionista clássico.

Tampouco operou de tal forma etnocêntrica o esforço teórico de Max Weber, quando este também apontou a ascensão da ciência e da técnica como forças que impulsionariam as sociedades rumo à racionalização e ao desencantamento do mundo dos deuses e dos mitos (WEBER, 1999). Durkheim, Mauss e Weber, cada um ao seu modo de problematizar o real, apenas apontaram tendências de mudança em curso na temporalidade que os contextualizou, mas que não se confirmaram como forças generalizantes e inexoráveis.

Provas da impossibilidade de generalização de tais tendências são abundantes em diferentes regiões e culturas, notadamente no cenário plural da cultura brasileira, onde os arranjos populares e tradicionais focados nas festas religiosas resistem vivos e animados. São arranjos que muitas vezes causam incômodo às forças guardiãs da autoridade eclesiástica, sem, no entanto, produzirem efeitos de mudança estrutural sobre a ordem que resguarda preceitos oficiais, mas também sem se renderem a essa ordem.

Após a incursão em campo que já conta com alguns artigos publicados em anais de congressos acadêmicos, o estudo entra em nova e conclusiva etapa, instigada pelo desenrolar dos acontecimentos relacionados ao espaço da capelinha do Bonsucesso.

Dentre outros eventos a serem analisados nessa nova fase da pesquisa, destaca-se a demolição da capelinha, ocorrida no ano de 2013, por força da desapropriação de imóvel realizada pelo Governo do estado do Ceará, fato anteriormente citado.

Relacionando o cenário passado da pesquisa com o momento presente, importa conhecer o componente político que atravessa o fenômeno estudado e os elementos simbólicos manifestos em relatos, imagens, memórias e olhares. As narrativas que falam do lugar do festejo, da procissão de São José e da capelinha evocam mais do que o evento religioso em si, assinalando transformações históricas e socioespaciais que, nos

relatos de vivências e em narrativas míticas desenham um bairro em relação com bairros vizinhos e informam sobre campos de poder e acerca da percepção do espaço modificado, observado a partir do cenário do referido templo. Nesta perspectiva, a pesquisa permitirá um conhecimento sistematizado acerca desse patrimônio imaterial de um bairro da cidade de Fortaleza, suscitando também importantes questões sobre a relação entre religião, política e espaço urbano.

Antes da demolição da capelinha, o quadro cenográfico da festa de São José abrigava, além da capela, parque de diversões, música, jogos, barracas enfeitadas com palhas de coqueiro, gente apreciando tudo isso ou apenas observando; rua interditada, movimentos, algodão doce, pipoca, crianças vestidas de anjinhos, velas acesas, toadas de mulheres devotas, fogos de artifício, o terço como reza e os gritos de “viva São José!”. Uma festa popular onde a ordem das coisas tinha lugar também para uma contraordem. Logo ali bem perto, uma igreja, um templo popular, legitimado pela instituição católica, amparado por uma paróquia, onde as coisas parecem mais ordenadas. Ali as paredes também abrigam um acontecimento sagrado, vivido como festa, mas solenemente distinto; assentado na divisão que o umbral produz entre a igreja e a rua, mesmo quando se trata da realização campal de um culto.

Um mesmo bairro, um santo e dois altares. Na capelinha, o que parecia não ser permitido era esquecer-se de ir até lá no dia 19 de março pedir a benção a São José, pagar alguma promessa ou acender velas e dar-lhe muitos vivas e palmas. Mas nos dias comuns, interdições simbólicas e espaciais de caráter religioso não tinham lugar ali, onde o solene tinha data fixa e era popular e informal, mas nem por isso espontâneo e desorganizado.



Imagem 2: altar da capelinha do Bonsucesso – entre o informal e o solene<sup>8</sup>

<sup>8</sup> Imagem registrada por George Paulino durante a festa de São José, dia 19 de março de 2011.

Desde o início, a pesquisa constatou que num espaço enquadrado em apenas 06 quarteirões do bairro Bonsucesso (o bairro situa-se na Regional Administrativa III, configurando divisões limítrofes com os bairros João XXIII, Jóquei Clube, Parangaba, Vila Peri, Parque São José e Granja Portugal), área em que se cruzam quatro ruas, no dia 19 de março, data dedicada ao santo católico São José, duas celebrações simultâneas comemoravam o dia desta divindade, acontecendo em espaços diferentes, porém muito próximos.



Imagem 3: devotos aguardam chegada da procissão na capelinha do Bonsucesso<sup>9</sup>



Imagem 4: procissão passa rumo à Igreja de São José Operário em esquina próxima à capelinha do Bonsucesso<sup>10</sup>

---

<sup>9</sup> Imagem registrada por George Paulino no dia 19 de março de 2011.

<sup>10</sup> Imagem registrada por George Paulino durante a festa de São José em 19 de março de 2006.



Imagem 5: devotos e pagadores de promessa acendem velas na capelinha<sup>11</sup>

Na nova fase do estudo que se desenvolve a partir da realização deste projeto de pesquisa, tem-se o propósito de registrar a memória dessa divisão socioespacial, através de narrativas discursivas e imagéticas, que permitirão pensar sobre os contornos políticos do fenômeno aqui focado, revelando também aspectos da relação entre religião, poder e espaço urbano.

### **Tessitura de uma aproximação etnográfica**

O cenário de divisão socioespacial aqui descrito produziu inquietação desde o início da observação do fenômeno: por que devotos de São José, aparentemente fiéis e dedicados, deixavam de ir à procissão e celebração em homenagem ao santo, realizada em um templo católico oficial, para reunirem-se numa capelinha rústica e “mal zelada”, localizada nas proximidades da citada igreja? Desde então, buscam-se elementos para trabalhar indagações que se somaram a esta.

O grau de envolvimento com a devoção a São José, em determinados sujeitos da pesquisa ultrapassa a experiência votiva e a participação em uma das procissões que eram realizadas num mesmo dia. Há devotos que se tornaram protetores de uma memória tecida em elementos subjetivos. Como as vivências pessoais refletem na significação da divisão socioespacial ocorrida em torno da festa de São José? Tais vivências produzem narrativas unívocas ou diversas no que tange, por exemplo, à localização da origem da festa no tempo e no espaço?

---

<sup>11</sup> Imagem registrada por George Paulino em 19 de março de 2011.

Em meio ao ritmo acelerado da vida na metrópole, a história da capelinha, iniciada por protagonistas já falecidos, recebe desdobramentos diversos, dificultando uma localização precisa no tempo e no espaço acerca da gênese da festa de São José em Bonsucesso. Nesse contexto, que elementos simbólicos e discursivos se manifestam em narrativas que, além de focarem memórias subjetivas da devoção a São José podem fornecer, a partir da percepção de fatos vividos, descrições sobre transformações ocorridas no espaço social e no arranjo de forças de poder que se tensionam na relação entre religião, política e espaço urbano?

E ainda como questão importante a ser explorada nessa nova fase da pesquisa, destaca-se a necessidade de conhecer como os moradores do entorno da capelinha e os narradores da memória desse espaço sagrado dão significado à demolição ocorrida que, por conseguinte, tenderia a dar centralidade à festa de São José no templo oficial dedicado a São José Operário.

Inicialmente, é necessário considerar fatores relacionados à dupla caracterização da capelinha como espaço sagrado, que era destino de centenas de devotos a cada dia 19 de março, e também como ambiente profano, que não era rigorosamente resguardado como templo sagrado e de uso religioso durante todo o ano. Atenções devocionais e interesses políticos focavam a capela nos dias que antecediam a celebração de 19 de março e, sobretudo, nesse dia.

As memórias acerca da capelinha são tecidas na vida cotidiana, através de arranjos ou agenciamentos orais que, em determinados casos, evocam a experiência votiva como motivação para situar no tempo e no espaço o ponto inaugural da devoção. Em outros casos, o narrador busca no campo religioso uma esfera de identificação com sua comunidade, demarcando espaços de apoio no campo dos interesses políticos. Durante anos, a capelinha foi zelada por uma família que residia em edificação situada no mesmo terreno e teceu linhas de mediação entre forças de apoio a candidatos e eleitores do bairro, através da captação de recursos para ações assistenciais.

O começo está ligado a uma imagem já consolidada do santo no Ceará: a água, fonte de vida em terra semiárida, a resistir sob a proteção do santo que ajuda trazendo boas chuvas. Tudo começou à beira do rio Maranguapinho, pagando-se uma promessa pela dádiva da chuva. Depois se ergueu a capela. Mas as evocações acerca da origem

dos festejos em Bonsucesso parecem ter relação com os arranjos que cada sujeito tece, com motivos identificados no cotidiano.<sup>12</sup>

A significação da capelinha revela sentimentos de pertença diversos. As narrações ilustram devoções pessoais e evocam mudanças ocorridas na realização da festa desde sua origem até os dias atuais, constituindo percursos mentais e afetivos ao evocarem fatos da infância e de outras etapas da vida, observando os festejos e transformações espaciais ocorridas no bairro e adjacências.

Considerando este cenário e suas implicações, a pesquisa orienta-se pelos seguintes objetivos:

Objetivo geral: realizar estudo etnográfico sobre a memória da capelinha de São José – espaço demolido no bairro Bonsucesso, Fortaleza (Ceará, Brasil) –, com o intuito de descrever e interpretar símbolos, significados, práticas e relações que configuram uma divisão socioespacial caracterizada pela presença, num pequeno espaço geográfico, de dois altares e duas procissões para um mesmo santo, resguardados por forças institucionais em conflito.

Objetivos específicos:

Conhecer os elementos simbólicos especificamente relacionados à capelinha de São José em Bonsucesso;

Coletar narrativas sobre a origem e a evolução da festa de São José em Bonsucesso, focando desde seu princípio até o momento mais recente, que tem enquadramento na demolição da capela;

Sistematizar acervo imagético sobre a história da capelinha e da procissão de São José em Bonsucesso, com a colaboração de devotos do santo que são interlocutores da pesquisa;

Identificar elementos relacionados ao poder e à presença da política no cenário da festa de São José em Bonsucesso, dentre os quais se destaca a tensão entre as forças institucionais da igreja e os defensores do espaço da capelinha;

Registrar e analisar a memória da função político-assistencial que se formou em espaço ocupado pelos zeladores da capelinha em décadas passadas;

Descrever, a partir de narrativas de vivências subjetivas, percepções sobre a transformação do espaço urbano em Bonsucesso e bairros adjacentes, identificadas a partir de fatos narrados concernentes ao espaço da capelinha e à procissão de São José;

---

<sup>12</sup> Refiro-me aqui ao processo de construção mítica embasando-me no conceito de *bricolage*, proposto por Lévi-Strauss (2008). Contribui também para esta discussão o pensamento de Certeau (2003).

Contribuir para o registro antropológico e histórico da festa de São José em Bonsucesso, aqui compreendida como manifestação de pertencimentos culturais que se constitui como importante patrimônio imaterial da história de um bairro;

Planejar a realização de documentário etnográfico e a publicação de um livro, ambos os documentos focados nos resultados da pesquisa de campo.

A investigação desenvolve-se, há mais de duas décadas, num ambiente de proximidade, por tratar-se de um fenômeno que ocorre no bairro onde morou, até recentemente, o idealizador e coordenador da pesquisa, autor deste projeto.

Faz-se uma observação de perto e de dentro, como sugere Magnani (2002). Mas sem envolvimento religioso ou de outra natureza pessoal qualquer com o objeto em foco, a não ser o interesse pela pesquisa, com o propósito de contribuir no registro e na compreensão de uma prática cultural que, apesar das transformações sofridas, ainda movimentava centenas de pessoas.

A festa de São José é observada nesta pesquisa como acontecimento que mobiliza atitudes e sentimentos entre moradores de Bonsucesso e adjacências, atentando não somente para momentos de configuração ritualística. Valorizam-se as conversas informais desfiadas em ruas, calçadas e residências.

Assim se formatou a metodologia da pesquisa, num processo de problematização impulsionado a partir da vivência de um morador do bairro e do olhar crítico substanciado nesse morador por influência das Ciências Sociais.

Trata-se de um estudo qualitativo, interpretativo, com esforço dialógico inicialmente materializado em rodas de conversa de vizinhança, formadas não para este fim, mas oportunizadas a favor das inquietações do pesquisador. Em mais de duas décadas de observação informal, foram registrados eventos em anotações, gravação de depoimentos e captura de imagens fotográficas.

A fluência das conversas, na maioria das vezes livres da condição de entrevista formal, teve expressiva importância e permitiu estar no meio dos acontecimentos sem interromper a evolução espontânea dos mesmos.

Com observações anteriores já realizadas sobre o fenômeno, sistematizou-se uma elaboração escrita acerca do mesmo, para apresentação em congressos acadêmicos, com o desejo de que a comunidade científica, especialmente nos campos da Antropologia da Religião e da Política, possa conhecer as reflexões aqui apresentadas e contribuir num processo de problematização que, a cada ano, parece propor novos desafios e recortes de pesquisa possíveis (PAULINO, 2011a; 2011b; 2012).

Nesta nova fase da pesquisa, realizar-se-á um estudo de memória, haja vista que a capelinha foi demolida, como mencionado anteriormente; o que tenderia a forçar a centralização dos ritos dedicados a São José no templo oficial de São José Operário, situado a apenas duas quadras acima do terreno da capelinha. Em observações realizadas no dia da festa de São José neste ano de 2015, constatou-se que tal centralidade não se concretizou. Novos arranjos entraram em cena, direcionando a “procissão dos antigos” desde o bairro João XXIII à Capela de Santa Terezinha, em Bonsucesso.



Imagem 6: andor de São José seguindo em direção à Capela de Santa Terezinha<sup>13</sup>



Imagem 7: devotos de São José seguem em procissão à Capela de Santa Terezinha<sup>14</sup>

---

<sup>13</sup> Imagem registrada por Jean Souza dos Anjos, durante a procissão de São José, no dia 19/03/15.

<sup>14</sup> Imagem capturada por Jean Souza dos Anjos, na procissão de São José, em 19/03/15.

No momento encontra-se em realização o mapeamento dos interlocutores da pesquisa, abrangendo desde alguns devotos pagadores de promessa; antigos zeladores do espaço da capelinha e organizadores da procissão; remanescentes da família que por décadas controlou o espaço da capelinha; políticos relacionados à festa de São José por fins pessoais e/ou devocionais ou por interesses assistenciais e eleitorais; representantes do templo de São José Operário, dentre outros.

Em seguida, após assinatura de um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, serão realizadas entrevistas abertas e semiestruturadas, com o registro de narrativas<sup>15</sup> que versarão sobre a história da capelinha, sobre a divisão socioespacial suscitada a partir de opositores à existência desse lugar sagrado, sobre as experiências pessoais relacionadas à devoção a São José e à frequência do espaço da capelinha, dentre outros assuntos.

Durante as visitas em que ocorrerão as entrevistas, será realizado um trabalho de sensibilização de interlocutores que disponham de acervo imagético particular sobre a capelinha e a festa<sup>16</sup> de São José, objetivando sistematizar material para ser analisado, interpretado e, possivelmente, incorporado ao documentário etnográfico que a equipe de pesquisa produzirá. Trata-se, também, de um recurso estratégico que visa dar fluidez e espontaneidade ao momento da entrevista, bem como de uma forma de fazer da pesquisa uma atividade que envolva seus interlocutores de forma ativa na produção de dados.

Os resultados da pesquisa serão apresentados em relatórios específicos, em grupos de trabalho reunidos em congressos das Ciências Sociais, nos Encontros Universitários da UFC e, em sua finalização, na forma de vídeo etnográfico e na forma de livro.

### **Considerações e pistas para uma interpretação em curso**

Após incursões já realizadas em campo, é possível descrever a divisão socioespacial observada na festa de São José em Bonsucesso. Em um ponto, sob a bênção oficial do padre da igreja de São José Operário, um expressivo ajuntamento de fiéis, após a procissão, aglomera-se para a missa campal. Logo ali bem perto, na capelinha, acorria outro ajuntamento, que ia se formando aos poucos e se avolumava

---

<sup>15</sup> No que concerne ao trato das categorias “memória” e “narrativa”, a pesquisa contará com as seguintes referências, dentre outras: Halbwachs (1990); Bosi (1994); Benjamin (1996); Kofes (2001).

<sup>16</sup> Para a compreensão teórico-conceitual da categoria “festa”, será importante considerar, dentre outras, as seguintes obras: Divignaud (1983); Perez (2011).

com a chegada do cortejo que acompanhava o andor de São José; uma manifestação legitimada pela tradição que se sustentava numa esfera cosmogônica.

Um santo, dois altares. Um altar para o “São José de baixo” e outro para o “São José de cima”, como diz uma interlocutora da pesquisa.<sup>17</sup> Era este o quadro que se configurava em Bonsucesso na tarde do dia 19 de março. Durante os demais meses do ano, a igreja de São José Operário predominava como centro de devoção, enquanto a capelinha do Bonsucesso, como era conhecida, ganhava usos outros, profanos: como rodas de conversa e estacionamento de motocicletas e bicicletas dos que ali se sociabilizavam, atraindo qualificativos estigmatizáveis associados ao signo da malandragem e da violência urbana.

Há quem lamente o fato de o templo oficial não ter sido edificado no terreno onde se situava a capelinha, mas sem deixar de conferir legitimidade também ao espaço da igreja. Nessa caracterização há, por exemplo, o caso de uma devota que declarou já ter se esforçado para realizar a difícil tarefa de comparecer, na tarde da festa de São José, às duas celebrações que ocorriam simultaneamente.

Essa interlocutora também tece suas memórias acerca da festa, reportando-se à infância, quando já habitava em Bonsucesso. Desde menina vivencia os rituais dos festejos dedicados a São José. Seus relatos revelam percepções acerca da transformação físico-espacial do bairro e de outras áreas da cidade de Fortaleza, bem como sinalizam um elemento importante relacionado à sociabilidade que permeia a devoção local ao santo, qual seja, o cruzamento da esfera religiosa com a política, que se dá sob duas formas.

---

<sup>17</sup> Considerando a observação realizada durante a procissão de 2015 e as conversas desenvolvidas entre a equipe da pesquisa, surge um questionamento: trata-se mesmo de um único santo? A tradição oficial resguardada pela autoridade clerical da igreja católica é zeladora da figura de São José como um santo protetor da família, exemplo de pai, e santo operário, carpinteiro, trabalhador. No entanto, há ramificações variadas na construção arquetípica da imagem de São José. Na vivência da divisão socioespacial analisada neste estudo, percebe-se, na prática, a referência a mais de um santo. Ao se falar em “São José de baixo”, alude-se à memória do rito inaugural realizado à beira do rio Maranguapinho num ano de seca, invocando, portanto, o santo que traz a graça da chuva e da boa colheita. Quando uma das interlocutoras da pesquisa se refere ao “São José de cima”, aponta para o templo de São José Operário, que é oficialmente resguardado pelas autoridades paroquiais. Nesse templo, em 2015, no dia 19 de março o vigário dirigiu seus fiéis à igreja situada no bairro Parque São José, onde se localiza a sede da paróquia à qual se vincula a igreja católica de Bonsucesso. Em Bonsucesso, São José Operário foi celebrado com procissão em 2015 no dia 1º de maio, quando se comemora o Dia do Trabalho. Portanto, simbolicamente, parece haver em cena mais de um santo, embora a divisão socioespacial não seja rígida. Na igreja de São José Operário, não fica ausente a referência simbólica ao santo como provedor de boa quadra chuvosa. E no ambiente da Capela de Santa Terezinha (em Bonsucesso), após a procissão de “São José de baixo” realizada no dia 19 de março de 2015, foi possível notar a presença de devotos vestindo blusas onde se via a imagem de São José Operário estampada, o “São José de cima”.

Primeiro, pela dimensão assistencial-clientelista configurada em torno do processo de organização da festa no tempo de seus antigos protagonistas – que atuavam em edificação situada no terreno onde também fora erguida a capelinha – e mediadores de políticos que mantêm o bairro em sua cartografia eleitoral.

A face política deste fenômeno religioso não se reduz à esfera assistencialista oportunizada em interesses mais visíveis no chamado “tempo da política”.<sup>18</sup> Tal face revela-se também na micropolítica<sup>19</sup> materializada nos processos de significação mítica e nos conflitos simbólicos<sup>20</sup> que ocorrem no tocante aos festejos de São José em Bonsucesso, desde que o templo oficial foi erguido no bairro nos anos 1980.

No terreno onde se encontrava a capelinha, havia no início dos anos 1990, uma escolinha, dirigida por um parente de veteranos organizadores da festa. Ele se encarregava de organizar ações assistenciais no bairro e a festa de São José, atuando também na mediação entre a comunidade e representantes da política; o que implicava na troca de interesses no campo eleitoral. Diz-se que seu pai, antigo protagonista da festa, recusou a construção do templo oficial de São José naquele terreno, embora se especulasse que o imóvel pertenceria à Prefeitura Municipal de Fortaleza. Diz-se também que a recusa seria fruto do cuidado em não perder o mapeamento político daquela área.

Construído o templo oficial, os festejos continuaram na capelinha, deslegitimados pela igreja, que se recusa a reconhecer, inclusive, batizados ali realizados no dia de São José. Com o falecimento do diretor da escolinha – que já havia sido fechada – e também com a morte de um padre que fazia a ligação entre o bairro de Parangaba e Bonsucesso através da organização e realização da procissão, a festa da capelinha entrou em declínio nos últimos anos, experimentando altos e baixos.

Durante essa fase passada da pesquisa, observou-se um ato trilateral. Na saída da procissão rumo à capelinha na festa de 2011, o cortejo partiu do bairro João XXIII, de um Centro Social cuja denominação identifica e homenageia um conhecido político atuante na área e adjacências, com fama de praticar obras assistenciais e que costuma apoiar e frequentar a procissão.

Com microfone em punho, o andor de São José sobre o ombro, ele se esforçava para amenizar a atmosfera de crise que nos últimos anos se configurava em torno da

---

<sup>18</sup> Ver: Heredia (1996).

<sup>19</sup> Ver: Foucault (1996).

<sup>20</sup> Ver: Girardet (1987); Sahlins (2003).

festa, afirmando que enquanto tiver vida, a procissão tem ponto de partida garantido: o Centro Social que se distingue por seu nome. Traçou a memória da festa e informou que o padre da igreja de Bonsucesso teria lhe procurado para pedir que não fizesse a procissão. Ao que ele disse ter respondido: mas não sou eu que faço, são as pessoas da comunidade; é a fé do povo, do povo antigo, do povo que tem fé. E falava de uma tradição que havia começado há muitos anos, no rio [Maranguapinho], quando numa grande seca que teria ocorrido no Ceará, fez-se uma procissão pedindo chuva. E acrescentou que a procissão seguiria naquela tarde para o rio, onde tudo começou.



Imagem 8: homem da política e devoto segura o andor de São José enquanto narra a memória da capelinha do Bonsucesso

Não somente como político, mas como pagador de promessa e seguidor da tradição, levando o andor sobre o ombro, ele liderou a procissão rumo a Bonsucesso, onde mantém mediadores que o apoiam em campanhas eleitorais. Aportou ao bairro com o santo, ladeado por um apoio político seu das bases de lá. Subiu ao altar improvisado ao lado da capelinha e com microfone novamente em punho, puxou a reza do terço.

Eis o caráter trilateral de seu ato: pôs-se em dia com sua obrigação para o santo; liderou a comunidade em sua irreverência à normatividade proposta pela igreja de São José Operário; e, como homem da política que é, expôs-se à comunidade, como devoto fiel a uma tradição.

Mas esteve numa condição de liminaridade, pois sempre exerceu diplomacia no processo conflitante travado entre as forças de poder da igreja de São José Operário e as da capelinha de Bonsucesso. Pôs em cena uma espécie de drama social performatizado, desenhando-se momentaneamente um espírito de *communitas*, visto aqui como força de uma antiestrutura a erguer-se contra a ordem normativa que resguarda a legitimidade do templo oficial. E logo voltaria à condição anterior ao momento da procissão, como responsável pelo diálogo diplomático com o padre, a quem respeita e apoia na realização da festa de São José Operário.

A cada ano se performatizava no cenário local essa dialética entre estrutura e antiestrutura.<sup>21</sup> Mas sem rupturas substanciais. A divisão era momentânea, episódica. Cada lado empenhava-se em atrair forças para si, pondo em cena diferentes recursos que visavam alcançar a eficácia material e simbólica necessária à sua legitimação.<sup>22</sup>

O político mencionado citou instante antes da saída da procissão a narrativa mítica sobre onde e como tudo começou. Soube enfatizar uma força mitológica em favor da continuidade de uma tradição, oportunizando traços memoriais que constituem um poderoso capital simbólico.<sup>23</sup> E capitalizou a procissão também a seu favor, como político.

O político devoto e o padre capitalizaram seus espaços de ação, operando sob uma perspectiva instrutiva concernente ao caráter formador que se identifica em cortejos solenes e ritualísticos, cuja simbólica instrui consciências, produzindo sentimentos de aceitação e bases de legitimidade social para o poder.<sup>24</sup>

O político, como devoto, instruiu seu povo a ouvir a voz da tradição e a continuar consigo, a cada ano, a procissão rumo à beira do rio. O padre, ao procurar conter a realização do evento, esperava que se unificassem os fiéis numa única procissão, que seguiria para o templo oficialmente consagrado ao santo, onde a liturgia seria conduzida por um sacerdote também consagrado. Cabia ao padre, naquele momento, instruir seus fiéis a seguirem com fé esta ordem.

Nesse cenário de tensões e diálogos possíveis, cada um atraiu seguidores e opositores. Mas, como também diria Geertz, ambos mobilizaram uma “política do significado” (1989: 206-222), orientada para a produção e projeção de símbolos capazes

---

<sup>21</sup> Sobre os conceitos de liminaridade, *communitas*, estrutura e antiestrutura, ver: Turner (1974).

<sup>22</sup> Para uma compreensão do conceito de eficácia simbólica, ver Mauss (2005) e Lévi-Strauss (2003).

<sup>23</sup> Refiro-me ao conceito de capital simbólico segundo Bourdieu (2004).

<sup>24</sup> Ver: Geertz (2003).

de internalizar nas pessoas sentimentos duradouros e atitudes de zelo e respeito, focados na manutenção de seus centros sagrados.

## **Bibliografia**

BENJAMIN, W. *Obras Escolhidas I – Magia e técnica, arte e política*. São Paulo: Brasiliense, 1996.

BOURDIEU, P. *Razões práticas: sobre a teoria da ação*. São Paulo: Papirus, 2004.

BOSI, E. *Memória e Sociedade: lembranças de velhos*. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

CERTEAU, M. de. *A Invenção do cotidiano, 1, Artes de fazer*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2003.

DIVIGNAUD, J. *Festas e Civilizações*. São Paulo: Tempo Brasileiro, 1983.

DURKHEIM, É. *As Formas Elementares da Vida Religiosa: o sistema totêmico na Austrália*. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

FOUCAULT, M. *Microfísica do poder*. Rio de Janeiro: Graal, 1996.

FRAZER, S. J. G. *O Ramo de Ouro*. Rio de Janeiro: Guanabara, 1982.

GEERTZ, C. *A Interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: Guanabara, 1989.

\_\_\_\_\_. “Centros, reis e carisma: reflexões sobre o simbolismo do poder”. In: *O Saber Local: novos ensaios em antropologia interpretativa*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2003. Pp. 182-219.

GIRARDET, R. *Mitos e mitologias políticas*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

HALBWACHS, M. *A Memória Coletiva*. São Paulo: Vértice, 1990.

HEREDIA, B. “Os Comícios e as políticas de facções”. In: M. Goldman, M. Palmeira (eds.), *Antropologia, Voto e Representação Política*. Rio de Janeiro: Contra Capa Livraria, 1996. Pp. 57-71.

KOFES, S. *Uma trajetória, em narrativas*. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2001.

LÉVI-STRAUSS, C. “A Ciência do Concreto”. In: *O Pensamento Selvagem*. Campinas, SP: Papirus, 2008. Pp. 15-49.

\_\_\_\_\_. *Antropologia Estrutural*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2003.

MAGNANI, J. G. C. “De Perto e de Dentro: notas para uma etnografia urbana”. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, 17 (49), 2002. Pp. 11-29.

MAUSS, M. “Esboço de uma Teoria Geral da Magia”. In: *Sociologia e Antropologia*. São Paulo: Cosac Naify, 2003. Pp. 47-181.

\_\_\_\_\_. “A Prece”. In: *Ensaio de sociologia*. São Paulo: Perspectiva, 2005. Pp. 229-324.

PAULINO, A. G. L. “Um santo, dois altares: divisão simbólica e espacial na festa de São José”. *GT 11 – Festa, cidade e religião, XI Congresso Luso-Afro-Brasileiro de Ciências Sociais, Salvador-BA, 2011a*. Disponível em [http://www.xiconlab.eventos.dype.com.br/resources/anais/3/1308492936\\_ARQUIVO\\_UMSANTO,doisaltares.pdf](http://www.xiconlab.eventos.dype.com.br/resources/anais/3/1308492936_ARQUIVO_UMSANTO,doisaltares.pdf), [consultado em 14-12-2014].

\_\_\_\_\_. “Tradição e legitimidade: divisão socioespacial na festa de São José em Bonsucesso”. *GT 22 – Antropologia do Secularismo e da Modernidade Religiosa, III Reunião Equatorial de Antropologia (REA) e XII Encontro dos Antropólogos do Norte e Nordeste (ABANNE) – Diálogos Interculturais na Pan-Amazônia, Boa Vista-RR, 2011b*. Disponível em <http://pt.scribd.com/doc/213993760/Anais-III-Rea#scribd>, [consultado em 14-12-2014].

\_\_\_\_\_. “Um santo, duas procissões: a política do significado na festa de São José em Bonsucesso”. *28ª. Reunião Brasileira de Antropologia, São Paulo, SP, 2012*. Disponível em [http://www.abant.org.br/conteudo/ANAIS/CD\\_Virtual\\_28\\_RBA/index.html](http://www.abant.org.br/conteudo/ANAIS/CD_Virtual_28_RBA/index.html), [consultado em 14-12-2014].

PEREZ, L. F. *Festa, religião e cidade*. Porto Alegre, RS: Medianiz, 2011.

SAHLINS, M. *Ilhas de História*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 2003.

TURNER, V. *O Processo Ritual: estrutura e antiestrutura*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1974.

WEBER, M. *Economia e sociedade*, 1. Brasília, DF: Editora da UnB, 1999.